



Homem que é homem também se mostra sensível¹

Viviane Possa PATRÍCIO²

Demétrio de Lacerda Caetano dos SANTOS³

Najara Ferrari PINHEIRO⁴

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Os programas da televisão aberta brasileira refletem as práticas sociais contemporâneas. Entre essas práticas, destacam-se as que implicam a representação de masculinidades na TV. O presente trabalho discute a “nova” masculinidade no programa “Hoje em Dia” (Rede Record), focalizando, por meio das diversas linguagens (verbal e não-verbal), as características desse novo modelo. Para a discussão usamos os fundamentos dos Estudos de Gênero, Análise Crítica do Discurso e da Sociosemiótica. Como critério de análise da linguagem não-verbal usamos os fundamentos da gramática da TV e do filme. Observa-se que, nesse programa, a representação da nova masculinidade e a perpetuação de estereótipos tradicionais transita entre o surgimento de novos valores, ou da “nova” masculinidade 'incorporada' por Edu Guedes e a reprodução de valores tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; nova masculinidade; linguagens; televisão.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

Na segunda metade da década de 2000 começam a proliferar estudos sobre a masculinidade plural. Poucos ainda envolvem as discussões em produtos televisivos. A produção televisiva, marcada pelos sistemas e pelas práticas hegemônicas das

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, espaço e cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Fisioterapia, email: viviane_pesquisa@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação do 10º semestre do curso de Psicologia, email: demehepsico@gmail.com

⁴ Professora do Centro de Ciências da Comunicação da UCS-RS. Orientadora de pesquisa. Coordenadora da pesquisa Nem Narciso, nem D. Juan: a representação da nova masculinidade na televisão e o Núcleo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade, email: najaraferrari@gmail.com



instituições, na modernidade tardia (GIDDENS, 1991, 2002), contribui tanto para naturalizar quanto para reforçar as práticas dessas instituições. No entanto, há práticas que emergem e aos poucos se definem e tomam espaço na TV.

Sensível aos anseios da sociedade, o discurso televisivo contribui para despertar desejos, modificar hábitos e provocar alterações na rotina do dia-a-dia de milhares de pessoas. Outras forças, como a do mercado, se aliam à mídia para projetar e atender às inquietações dos telespectadores.

Agindo juntas, as forças reguladoras do mercado e da sociedade, somadas à abrangência da televisão, criam também necessidades, provocam transformações que implicam a relação dialética entre discurso e sociedade. Essa implicação se reflete por meio da linguagem no discurso da mídia, na cultura, nas interações, nas relações de gênero e na configuração das assimétricas relações de poder, nas diversas esferas da sociedade. Ou seja, age em todas as práticas, inclusive nas que envolvem os atores mediados pelo texto televisivo.

A relação entre mídia e sociedade contribui para se sustentar a ideia de que a masculinidade contemporânea está se modificando, transformando. Assim, também se modifica o paradigma da masculinidade tradicional ou hegemônica.

Este trabalho analisa as masculinidades, considerando as linguagens verbal e não-verbal focalizando, na investigação, o personagem/apresentador Edu Guedes.

De acordo com as características de nossa pesquisa, interessa observar o apresentador, personagem do programa Hoje em Dia. Considerando nosso corpus, ele se mostra um interessante contraponto à representação de masculinidade hegemônica. Seu comportamento, seus gestos, sua postura (linguagem não-verbal), sua fala e a expressão de seus valores refletem práticas da sociedade que redesenham a masculinidade ou as masculinidades nas práticas televisivas contemporâneas.

Pode-se sugerir que o apresentador rompe com o padrão de masculinidade até então predominante na televisão. Essa ruptura ultrapassa a relação de Edu Guedes com o seu papel no programa. Edu Guedes é o responsável pela culinária. Devido a sua postura, a sua sensibilidade e seu modo de se dirigir ao público, vai além da figura de Chef de cozinha, de culinária.

A gravação e a análise de diversos programas, entre março de 2009 e fevereiro de 2010, nos permitiu recortar diferentes momentos da participação do apresentador Edu Guedes. Estabelecendo critérios para a observação das linguagens, procurou-se interpretar o modo como a TV revela essa ‘nova’ masculinidade.



A discussão parte da explicitação de conceitos sobre masculinidade hegemônica e nova masculinidade, destacando o papel das linguagens para analisar os programas. Com a leitura e a observação/desconstrução de fragmentos do programa, analisa-se a participação do apresentador Edu Guedes no desenho da representação da nova masculinidade.

1 Masculinidades: da tradicional (hegemônica) à “nova”

Os estudos de gênero questionam a idéia de natureza feminina (e masculina) reforçando a concepção de que as características atribuídas à mulher e ao homem são, na verdade, socialmente construídas. A noção de sexo (a dimensão biológica dos seres humanos) e gênero (um construto cultural) são categorias diferentes. Mesmo que se discuta essa construção social, ela é útil para mostrar que muitos comportamentos, sentimentos, desejos e emoções, vistos como partes de uma essência masculina ou feminina, são produtos de um determinado contexto histórico e social.

Goldenberg (2000) sugere que as diferenças entre os sexos estão desaparecendo (e fala de uma androgenização). Também, há os pesquisadores que apontam as conquistas femininas como as principais responsáveis por uma suposta “crise da masculinidade”. Se por um lado os limites difusos são interpretados como transformações, por outro são ainda vistos como instabilidades, crises.

Grossi ressalta que o padrão hegemônico de masculinidade vem se modificando ao longo do tempo:

A binômica dominação masculina/ submissão feminina tem sofrido uma série de questionamentos quando se estudam as relações de gênero. Muitos homens quando, questionados a respeito da dominação masculina, costumam dizer que não têm poder nenhum em casa – o que não deixa de ser verdade quando pensamos nas culturas marcadas por uma forte dicotomia entre a casa e rua, privado e público (...) este é um dos elementos estruturais de nossa cultura, o fato de haver uma divisão de poderes sociais, cabendo aos homens o poder sobre a instância pública e às mulheres o privado (GROSSI, p.16, 2004)



Consideramos, tal como Kimmel (1998), que tanto a masculinidade quanto a feminilidade hegemônicas, produzidas pela sociedade patriarcal, são “invisíveis” àqueles que tentam obtê-las como ideais de gênero. Pode-se dizer que o que vem ocorrendo atualmente é uma maior consciência crítica das experiências e visões de mundo específicas de homens e de mulheres. A imagem consensual de masculinidade ligada à ideia de homem provedor, forte, chefe de família está se modificando. Do mesmo modo, a imagem feminina que é definida por mulher, mãe, esposa, dona-de-casa. Esses papéis e essas representações estão sendo relativizados por outros atributos que revelam o homem sensível, vaidoso e delicado, enquanto a mulher aparece forte, trabalhadora, corajosa. É um jogo que borra limites e evidencia novas configurações.

Esse jogo permite observar que coexistem os modelos tradicionais que definem o que é ser homem e o que é ser mulher, também as novas representações de masculino e de feminino. Badinter (1986) afirma que homens e mulheres estariam cada vez mais próximos e indiferenciados, sem traços culturais marcados como sendo exclusivamente femininos ou masculinos.

Os estereótipos do homem viril e da mulher feminina estão pulverizados. Não há mais um modelo obrigatório, mas uma infinidade de modelos possíveis. Cada um se atém à sua particularidade, à sua própria dosagem de feminilidade e de masculinidade. As diferenças necessárias para a sedução se estabelecem na intimidade do casal (Badinter, 1986, p. 262).

Se por um lado a liberdade para escolher entre uma multiplicidade de caminhos e a conseqüente responsabilidade que ela acarreta, é que parece assustar homens e mulheres, quando ambos demonstram ter medo de perder as regras e classificações que tornam fácil saber como se comportar, o que desejar e que papéis cumprir.

Por outro lado, a masculinidade se tornou uma questão para ser pensada e debatida. Algo que era visto como natural, o poder do macho, passou a ser questionado, ou melhor, problematizado por homens e mulheres.

Até recentemente, como lembra João Silvério Trevisan (1998), homens heterossexuais não se julgavam “discutíveis”. Hoje, não existe mais a possibilidade de eleger um único modelo que servirá como referência de masculinidade para todos; tanto



as opções afetivo-sexuais, quanto as profissionais são inúmeras, e as escolhas podem provocar um conflito frente ao desconhecido ou serem vividas como uma aventura.

O padrão hegemônico de masculinidade passou por transformações, a figura do homem e o próprio homem passaram por intensas mudanças culturais, psicológicas e sociais.

Um direito que era negado aos homens, o de ser afetivo e acompanhar o crescimento de seus filhos, agora não só é permitido como também estimulado e necessário.

Poderíamos acrescentar que, até recentemente, essa participação maior na vida familiar não era tão fortemente cobrada dos homens. Essa cobrança obriga-os a rever o seu papel e estar mais presentes na vida em família.

Os homens começam a mudar seus comportamentos justamente pela demanda das mulheres, e a entrada delas no mercado de trabalho. Elas desejam e precisam de homens parceiros que dividam responsabilidades também em casa.

Assumindo nova postura, a distinção dos espaços, o público (homem) e o privado (mulher) deixaram de ser tão evidentes, acarretando uma difusão de características e uma interpenetração de territórios.

Podemos nos questionar aqui se há ainda possibilidade de falar de crise de masculinidade. Para essa reflexão nos apoiamos em Figueira (1985) que diz: as mudanças sociais são rápidas e “visíveis”, não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporam ideais “modernos” sem eliminar os “arcaicos” que permanecem “invisíveis” dentro dos sujeitos. Esse descompasso entre aspectos “visíveis” e “invisíveis” leva à coexistência de ideais e normas contraditórias. Evidencia-se então uma ambiguidade que é motivo de desorientação e sofrimento, a sociedade reforça a ideia de que as pessoas são livres para escolher e construir seus estilos de vida e relacionamento.

Se, de um lado, percebemos que continua existindo uma estigmatização daqueles que são percebidos como um desvio do modelo dominante, por outro lado começa a existir um reconhecimento de comportamentos socialmente desviantes. Pode ser percebida, facilmente, uma oscilação entre um modelo tradicional (hegemônico) de masculinidade e, ao mesmo tempo, o desejo de inventar e questionar os comportamentos e papéis de gênero existentes. A nova masculinidade na TV pode ser evidenciada no papel do apresentador do programa Hoje em Dia, Edu Guedes.



Para discutir a masculinidade na década de 2000 precisamos entender que a sociedade em geral ainda se pauta em modelos tradicionais. Nesses modelos, o padrão hegemônico é assumido como uma referência normativa.

A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia, são como que efeitos perversos desta.

Para o homem que antigamente era ator social de uma representação de sexo até então dominante, hoje ele passa a ser espectador do nascimento de um “novo” homem.

O “novo” homem é resultado da masculinidade e sente-se perdido no papel sem referenciais, encontra-se numa intersecção entre dois paradigmas: a masculinidade tradicional apresentada pelos pais como referência, e a demanda da sociedade de uma postura mais flexível.

Muitos homens aderem de forma gradual, querendo vivenciar essa nova realidade mas ainda assim com resistências. Não é um processo fácil de se reconhecer em uma nova identidade, mas há uma exigência e pressão social para que este homem tenha novas características.

Kehl (2004, p. 23) propõe questões importantes sobre os efeitos que o discurso social contemporâneo tem sobre a posição dos homens na atualidade. Segundo ela, “parecem ser os homens os mais afetados pela recente interpenetração de territórios, porque a própria identidade masculina é colocada em questão.”

Borrar os limites dos territórios é apenas um dos desconfortos que resultam na construção plural de masculinidade.

Baumann traz a idéia de que tudo é fluido, não mais estável: empregos, relacionamentos amorosos. Tendem a aparecer em fluxos, voláteis, desregulados, flexíveis. Ter identidade fixa neste mundo seria suicídio.

Com essa fluidez de identidades, as características de gênero se misturam, se modificam, adquirem características do seu oposto, se confundem e são absorvidas pelas pessoas que estão vivendo em sociedades. O que confunde o homem tradicional, gerando o preconceito.

Os homens adentraram novos territórios, cruzando fronteiras que até poucas décadas eram intransponíveis, se permitindo apresentar um novo tipo de comportamento.



A ideia de liquidez nas relações sociais e nos modos de viver a subjetividade não mais apegados a sólidos valores proposta por Bauman vai ao encontro do que Hall propõe quanto à formação de identidades no mundo pós moderno.

Velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2001, p.7)

A liquidez e a fragmentação ajudam a compreender as masculinidades plurais.

Trevisan (1998) nos ajuda dizendo que a identidade masculina continua sendo um enigma de difícil solução, se considerarmos que a gênese do masculino está incompleta nas suas próprias bases."

Assim percebe-se que a representação das masculinidades de um modo geral ainda está alicerçada em valores associados com demonstração de força, superioridade e virilidade. Essas características são valorizadas e percebidas como virtudes, cabendo aos homens demonstrá-las constantemente para afirmar-se. É recorrente nas sociedades patriarcais que o homem deve comportar-se com consistência, firmeza e certa dureza realizando certos gestos, mostrando certos hábitos, gostos e atitudes, por isso a nova masculinidade tende a ser rejeitada por este modelo tradicional num primeiro momento, mas incorporada naturalmente à sociedade.

Como já referido, a representação de homens fortes, provedores e hierarquicamente superiores às mulheres começa a sofrer modificações a partir da década de 1960 e é marcada pela revolução feminista. Essa revolução provocou mudanças significativas na sociedade, visto que as mulheres assumem uma postura que empurra sutilmente os limites e os tradicionais valores que definem lugares e papéis para homens e mulheres, passando a exigir um comportamento diferente tanto de homens quanto de mulheres.

Para se enquadrar na nova exigência da sociedade e, principalmente das mulheres, os homens começam a ocupar outros lugares e a expressar muito mais



abertamente seus sentimentos. Domínios que antes eram ‘exclusividade’ de comportamento feminino, tais como: a cozinha, a casa em geral, a criação de filhos passam a ser ocupados pelos homens, o que evidencia-se na mídia com a figura de Edu Guedes.

Grossi (2004) explica que, ao mesmo tempo que as mulheres começaram a ocupar espaços de trabalho tidos como, hegemonicamente masculinos, os homens começam a se estabelecer em posições que antes eram consideradas como tipicamente femininas como: a enfermagem, a educação e a cozinha.

Esse homem retratado preocupa-se com a aparência, veste cores tradicionalmente ligadas ao dito ‘universo feminino’, como cor de rosa, lilás e roxo. Ele expressa seus sentimentos, é gentil, carinhoso, atencioso, tem senso de humor, incorporando tais características, tratando isso com naturalidade.

Esse novo homem, ou o representante dessa nova masculinidade é o homem que atende às exigências de seu tempo, que convive com os fenômenos da modernidade tardia (Giddens). Marca, com suas atitudes muito mais afetuosas e de empatia, o rompimento com o papel tradicionalmente estabelecido pelo senso comum aos homens da sociedade ocidental.

Assim, Nolasco (1993) refere que se o homem no modelo de masculinidade tradicional não chora, no novo modelo ele passou a chorar; se ele era visto como um exemplo de força e coragem, no atual pode demonstrar ser frágil e assustado, ou seja, o “novo homem” tende a ser definido pelo antagonismo dos aspectos positivos do modelo anterior. Em suma, o modelo “antigo” continua como pano de fundo sobre o qual se projeta o “novo”, com a mudança no papel dos atores.

Hoje em Dia

Para quem de fato o assiste, a linguagem visual possui características próprias e organizadas para prender a atenção e do público. O cenário do Hoje em Dia é constituído de um conjunto de cores e divisões que representam uma casa, o ambiente cotidiano do público alvo. Com cômodos definidos, há uma reprodução da sala de estar, onde acontecem as entrevistas e discussões do programa; a cozinha onde as receitas são elaboradas e explicadas passo a passo.

A melhor forma de descrever o cenário do Hoje em Dia é como a reprodução de um ambiente familiar. Todos os elementos estão presentes com a intenção de incluir



o telespectador e dar a sensação de estar em sua própria casa para criar uma relação de maior intimidade. Para quem assiste ao programa, essa relação de identificação torna-se vital para prender a atenção e originar um público fiel que irá, todas as manhãs, ligar sua televisão no programa e manter-se satisfeito com o conteúdo que este exhibe.

Por que Edu Guedes?

Elegemos Edu Guedes como representante da nova masculinidade que assume sem medo características da nova masculinidade.

É o apresentador de TV que parece refletir melhor as características da ‘nova’ masculinidade. Ele ocupa um lugar que antes era exclusivo das mulheres, a cozinha.

Nos programas, Edu Guedes se coloca em uma situação diferente da dos outros homens que estão à frente do Hoje em Dia. O apresentador Celso Zucatelli aparece como o jornalista tradicional que informa, é sério e reproduz o modelo de masculinidade tradicional ainda muito comum na mídia.

É clara a distribuição de papéis dentro do programa, assim como a definição das relações de poder. Com a postura que Edu assume ele difere de seus colegas sendo mais sensível.

Para ilustrar essa característica trazemos a análise do programa Hoje em Dia exibido no dia 03/02/2010: O programa exhibe uma matéria especial sobre o lançamento do livro de Edu Guedes (a saber: Delícias do Brasil, Ed. Nova Cultural), após, já nos estúdios do programa, Edu se emociona e logo depois da fala “a gente não pode (se) privar da felicidade de tá junto da nossa família e dos nossos amigos [pausa e continua com voz trêmula] nestes momentos importantes” o enquadramento muda, Edu se aproxima do telespectador com o discreto movimento de zoom da câmera, saindo do contexto do programa. O estúdio desaparece e Edu entra na casa de quem o assiste. Esse movimento faz com que tenhamos sentimentos de solidariedade e proteção, nos despertando um desejo de acolher e afagar Edu Guedes, em uma mescla de afeto e, talvez, de carência do telespectador.



Edu tenta disfarçar as lágrimas, num discreto gesto de virar a cabeça para o lado e secá-las com seu dedo indicador, lembrando o movimento de coçar o olho. (Foto 1)



Foto 1. Edu Guedes emocionado

Edu resgata, em sua fala, a importância da simplicidade nos pequenos momentos de reunião com a família e os amigos, ressaltar valores familiares para “melhorar a situação de muita coisa” diz ele.





Foto 2.

Ao longo do mesmo programa (Foto 2), podemos perceber também a forma como Edu se utiliza de seu espaço pessoal e sua postura: As pernas cruzadas juntas, num gesto tímido a mão apoiada sobre o joelho, ou gesticulando de forma mais tímida - ao contrário dos gestos largos que podemos ver, por exemplo, em Zucatelli.

Edu também tem no seu colo o livro, quase como se fosse um filho, e na mão oposta (a que gesticula) uma caneta, o apego a estes objetos pode demonstrar insegurança ou que ele está pouco à vontade com a situação.

Percebemos também pela sua postura de recuo de tórax que ele sente-se dominado pela situação, com os ombros projetados para frente.



Considerações Finais:

Com a observação dos modelos de masculinidade do programa, este trabalho procurou evidenciar as diferenças entre eles, percebendo as mudanças que estão culminando na solidificação da nova masculinidade. Com um estudo sobre as transformações que abriram uma nova corrente de pensamento e comportamento nos homens modernos, foi possível detectar as prováveis origens dessa “nova” masculinidade.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. Edgard Blucher, São Paulo, SP. 1982.
- FIGUEIRA, S. **Cultura da psicanálise**. São Paulo, Brasiliense, 1985
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOLDENBERG, M. **Os novos desejos: seis visões sobre mudanças de comportamento de homens e mulheres na cultura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Record, 2000
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- KEHL, M. R. A Masculinidade. In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)** n. 28. Ano 2005
- KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117. out. 1998
- NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro, Rocco. 1993
- NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- HOJE EM DIA. Rede Record.
- Disponível em: <http://programas.rederecord.com.br/programas/hojeemdia/interna02.asp>. Acesso em 16 de maio de 2010.
- TREVISAN, J. S. **Seis balas num buraco só**. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- TREVISAN, J. S. **O Espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino**. Homens. São Paulo, SENAC, 1997.
- TREVISAN, J. S. **Seis Balas Num Buraco Só: A Crise Do Masculino**. Record. Rio De Janeiro. 1999
- WEIL, P; TOMPAKOW , R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação nao-verbal**. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 1973